

## A POÉTICA DO COTIDIANO DA REDE

Cristiane Dias

**RESUMEN.** Este artículo se refiere a la subjetividad del individuo en la red social Facebook. Al escribir, ¿cómo produce una narrativa en la línea del tiempo de Facebook? ¿Cómo llega a una linealidad en la vida a través del hilo tenue de esa línea? ¿Cómo se sitúa en la tensión completa/incompleta de sí, al determinar los acontecimientos que marcan períodos importantes en la vida de una persona? Se establece aquí la relación realidad-imaginación, ya que todo lo que hay entre un acontecimiento y otro, escapa de la ilusión de unidad y se materializa al interior de la propia línea, la no linealidad, el enfrentamiento con la realidad. Así, desde la perspectiva del Análisis del Discurso, al hablar sobre linealidad/no linealidad implica una reflexión sobre el tiempo, sobre la memoria, lo real y lo imaginario. Desde esa perspectiva teórica, considero la línea del tiempo de Facebook una unidad imaginaria de la vida escrita. Mi propuesta es comprender la relación de esa imaginación del tiempo construido por la línea con su realidad, en su orden simbólico, lo que lleva la noción de linealidad/no linealidad de un concepto empírico para uno material, formas materiales del tiempo, formas lingüístico-históricas.

*Palabras clave:* Facebook, línea de tiempo, tiempo, memoria, real, imaginario.

**ABSTRACT.** This article is about one of the ways for the subjectivity of the subject in the relationship network Facebook. How the subject can he produces a narrative on the Facebook time-line trough the writing of it self? How he produces a linearity for the life in the tenuous thread of line? How he put him-self on the tension of completeness-incompleteness of him-self by marking the node-events, those ones that mark important periods on a subject life? There arises the relation real/imaginarium, once that everything what is between an event-node and another scapes from the illusion of unit and materializes within the line itself, the non-linearity, the confrontation with reality. Thus, from the perspective of discourse analysis, while talking on linearity/nonlinearity is implied a reflection on time, on memory, on the real and the imaginary. From this theoretical perspective, I consider the time-lime of Facebook as an imaginary unit of life writing. The question I propose is to understand the relationship that imaginary line constructed by time with your real, in its symbolic order, which shifts the notion of linearity/nonlinearity of an empirical conception, for a material design, material forms of time , linguistic and historical forms.

*Keywords:* Facebook, time-lime, time, memory, real, imaginary.

**RESUMO.** Este artigo trata dos modos de subjetivação do sujeito na rede de relacionamento Facebook. Como, pela escrita de si, esse sujeito produz uma narratividade na linha do tempo do Facebook? Como ele produz uma linearidade para a vida no fio tênue dessa linha? Como ele se coloca na tensão completude/incompletude de si ao marcar os acontecimentos-nós, aqueles que marcam períodos importantes na vida de um sujeito? Coloca-se aí a relação real/imaginá-



*Signo y Señal*, número 24, diciembre de 2013, pp. 57-70

Facultad de Filosofía y Letras (UBA)

<http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/index>

ISSN 2314-2189

rio, uma vez que tudo o que está entre um acontecimento-nó e outro escapa da ilusão de unidade e materializa, no interior da própria linha, a não-linearidade, o confronto com o real. Assim, da perspectiva da Análise de Discurso, ao falar em linearidade/não-linearidade está implicada uma reflexão sobre o tempo, sobre a memória, o real e o imaginário. Dessa perspectiva teórica, considero a Linha do tempo do Facebook como uma unidade imaginária da vida escrita. A questão que proponho é compreender a relação desse imaginário do tempo construído pela Linha com o seu real, em sua ordem simbólica, o que desloca a noção de linearidade/não-linearidade de uma concepção empírica, para uma concepção material, formas materiais do tempo, formas linguístico-históricas.

*Palavras-chave:* Facebook, linha do tempo, tempo, memória, real, imaginário.

## 1. INTRODUÇÃO: A VIDA ESCRITA.

*É muito raro que aconteça de você pular um dia, mas quando isso acontece, você não fica bem. Quando sua vida não é escrita, ela não existe. Você relê o diário do último abril, por exemplo. Falta um dia. O que você fez nesse dia? Pânico! Você olha na sua agenda. Tenta reconstituir um dia a partir da página da agenda. Mas faltam três quartos desse dia. Você não sabe mais o que você pensou. E um pânico indescritível, um sofrimento. É como o dia que quebra o outro, esta espécie de fuga no nada dos dias que nós vivemos plenamente e que são da ordem do efêmero, como se fosse necessário fixar o efêmero, imperativamente, mesmo se for pela maior das banalidades: “hoje, levantei-me tarde, não faz um dia bonito, fui almoçar em tal lugar, vi tal pessoa”. Mesmo se for apenas isso, você tem necessidade de que “isso” exista, portanto que seja escrito, para te assegurar de que você não perdeu esse dia. Basta que esse dia seja escrito. Mas como? (Robin 2004, 217).*

Esse texto, intitulado “La vie écrite”, publicado no livro *Cybermigrances*, de Régine Robin (2004), traz, para mim, uma questão do sujeito e do sentido no domínio da linguagem, na forma da experimentação de si na e pela escritura: “revela e recusa a incompletude” (Orlandi 1988). Para Orlandi (1988, 9), a incompletude é um traço constitutivo do sujeito, embora, para a autora, seja “natural que se pretenda que os percursos, ou o fazer, sejam completos, com começo, meio e fim”. Por uma lado, o sentido da incompletude do sujeito e, por outro lado, o da busca incessante pela completude, unidade, totalidade da vida no gesto da escritura de si. Como afirma Orlandi (1988, 11), “o espaço da subjetividade, na linguagem, é tenso”.

Se considerarmos a materialidade da escrita nas condições sócio-históricas e tecnológicas contemporâneas<sup>1</sup>, com as possibilidades do digital,

1 Quando falo em contemporâneo, estou tomando o sentido de Giorgio Agamben (2009, 59), quando este afirma que a contemporaneidade é “uma singular relação com o próprio //59

vemos que essa tensão incompletude-completude do sujeito pode ser observada na própria abundância dos *blogs* e *sites* de relacionamento. Como sabemos, o desenvolvimento da Internet na sua forma atual, a *web* semântica (2.0, 3.0), se configura pela “cooperação homem-máquina”, através do desenvolvimento de linguagens que permitam a produção de conteúdos legíveis tanto para/pelo usuário quanto para/pela máquina. Essa forma de concepção da *web*, no meu entender, já se dá como efeito de uma apropriação do sujeito da Internet com um espaço para falar de si (e do outro). Um espaço da vida escrita.

Ao buscar compreender a proliferação das autobiografias no período que sucedeu a ditadura militar no Brasil, Orlandi fala de um “modo de reação ao anonimato”:

*De repente descobre-se que, primeiro, eu-mesmo posso ser objeto de interesse (numa visão deslocada do anti-herói) e, segundo, eu-mesmo posso ser objeto de atenção de milhões de brasileiros. O que é preciso é aparecer. É a solução do espontaneísmo, a que está no escopo da cultura de massa (Orlandi 1988, 14).*

É claro que as condições de produção de um modo de falar de si naquele momento histórico são muito distintas das condições de produção contemporâneas, porém, se naquele momento colocava-se o problema da legitimidade da própria história ou dos fatos da ditadura em detrimento da experiência do sujeito na relação com a interpretação —o que permite produzir outros sentidos à própria história, nos quais o sujeito está concernido—, hoje, o problema que se coloca é o do esvaziamento do sentido dos acontecimentos numa sociedade mundializada, onde tudo é postado na Internet<sup>2</sup> produzindo aos acontecimentos sentidos do efêmero da circulação da informação.

Desse modo, questiono: o que se apaga na busca da completude pela circulação incessante e fugaz de todos os acontecimentos do mundo? Apagam-se os próprios acontecimentos. Mas é fato, também, que os modos de reação hoje são distintos se considerarmos a materialidade do digital na Internet, o que produz uma “ideologia do fragmentário” (Orlandi 1988, 14), definida, no dizer de Orlandi como “uma ideologia política, científica,

//58 tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias”.

2 Não vou aqui discutir a questão da “censura” na Internet. De que modo são postados, se são, muitas vezes, censurados, excluídos, manipulados, etc. Aqui me interessa pontualmente pensar que de um modo ou de outro eles “vazam”. Há sempre um burburinho sobre o que quer que aconteça.

literária, de re-valorização dos modos informais de organização, de conhecimento, de arte, etc.”. Assim, minha questão aqui é: como podemos observar essa ideologia do fragmentário no falar de si na rede social *Facebook*, organizado numa linha do tempo?

A Internet, de modo geral, permite observar esse traço constitutivo do sujeito —o da tensão completude-incompletude— uma vez que, por um lado, a rede se constitui pelo efêmero do dizer —*link* quebrado, indisponibilidade de *sites*, perfis excluídos, e tantos outros exemplos da volatilidade desse espaço— e, por outro lado, ela se constitui pela possibilidade de permanência, de nela tudo poder caber e circular. Sobretudo com a computação em nuvem, a Internet cada vez mais produz o efeito da completude do sujeito, mas também da memória como possibilidade do “ser inteiro”, daí a formulação do conceito de “memória metálica” (Orlandi 1998, 2006), a memória da máquina, da circulação, que não se produz pela historicidade. Essa memória se constitui através das possibilidades de armazenamento de dados, cada vez maiores, cujo efeito é o da completude.

Mas é possível “armazenar” o sujeito? Suas memórias? Há quem diga que sim. Pelo menos tecnicamente é possível registrar e armazenar uma vida para que ela se eternize. Ainda assim, sabemos, é sempre da ordem da incompletude e da interpretação. Como diz Orlandi (1988, 13) uma forma de resgatar a “impotência em relação ao real”.

Assim, em termos discursivos, cabe a nós buscarmos compreender os efeitos dessas possibilidades tecnológicas que fazem parte das condições de produção e da constituição do sujeito contemporâneo na era digital, compreendendo aí os processos de interpelação do indivíduo em sujeito, pela ideologia e individuação do sujeito pelo Estado, elaborados por Orlandi (2001, 2010, 2012) na sua teoria discursiva do sujeito.

É nesse sentido que esse artigo busca compreender a construção narrativa do sujeito na Internet a partir de “fragmentários” de si. Na esteira do pensamento de Orlandi (2004, 29), ao tratar das “formas do discurso urbano”, o “fragmentário” é aqui compreendido como “efeito da vontade de totalidade”. Para a autora, a materialidade da cidade é o que desorganiza o lugar totalizador da organização urbana, ao obrigar o sujeito ao percurso. Assim, é pelo percurso do dizer do sujeito sobre si mesmo, pelos fragmentários —textualizações de si— que o Facebook organiza a incompletude e dispersão de si numa linearização temporal dos dizeres: *links*, compartilhamentos, postagens, etc. O percurso do sujeito pela escrita de si constitui aquilo que Orlandi (2004) chamou de “narratividade

urbana”, segundo a qual os sentidos só podem ser compreendidos nas suas relações. Daí a autora dizer da materialidade dispersa, movente, fulgurante dessa narratividade. “São formas de significar com sua poética, por assim dizer, incluídas na própria forma material da cidade” (Orlandi 2004, 31).

Assim, busco compreender a forma material da escritura de si na rede social *Facebook*, mais especificamente na “linha do tempo” do Facebook. Tomo, aqui, a noção de forma material tal qual elaborada por Orlandi (2001, 2004, 2012), como “forma encarnada no mundo para significar” (Orlandi 2004, 25). Forma linguístico-histórica, que leva em conta o processo social e o sujeito.

Mas o que é essa escritura? Ou melhor, qual é a materialidade dessa escritura de si pela linearização do tempo dos acontecimentos postados pelo sujeito? Qual o seu funcionamento? Ou, ainda, qual é a materialidade desse si mesmo escriturado na Linha do tempo do Facebook?

**1.1. A FORMA MATERIAL DA ESCRITA.** Mais especificamente, a pergunta que mobiliza esse estudo é: que forma material produz essa escritura de si no espaço digital, na medida em que se constitui por uma textualização fragmentária e por uma materialidade digital?

O que é, afinal, essa materialidade digital? Antes de qualquer coisa, é preciso dizer que o numérico é constitutivo da materialidade digital, ele é a base dessa textualização fragmentária e engendra, por sua vez, a “memória metálica” (Orlandi 1998). Portanto, a materialidade digital é a escrita na Internet tomada na sua relação com o mundo. Essa “forma material” do texto na Internet é compreendida a partir de suas condições de produção.

Essas condições de produção têm a ver, em um sentido mais estrito, com o instrumento máquina/computador, do qual, como sabemos, os signos dependem para serem traçados. “Os signos dependem dos instrumentos que os traçam e da matéria que os suporta”. Isso nos remete a duas perguntas feitas por Georges Jean (1987) no livro *L'écriture, mémoire des hommes*: 1) sobre o que se escreve? 2) com o que se escreve? Essas perguntas são de suma importância para compreendermos o modo de escrita, que não está, de modo algum, dissociado dos seus instrumentos. Assim, às superfícies, seja o papiro, a tela, o couro, a pedra, o mármore, o bambu, a madeira, a cera, corresponde um instrumento que serve para escrever sobre elas, não podemos utilizar o mesmo instrumento para es-

crever sobre a pedra e para escrever sobre o papiro. Nos servimos do pincel (papiro ou sedas animais), da caneta (papel), da espátula, estilete (argila), da pena e assim por diante. A grafia é, dessa forma, diferente quando da utilização do estilete sobre argila ou do cálamo sobre o papiro ou o pergaminho (antes da vulgarização da pena).

Trago esses exemplos, de modo até superficial diante da complexidade dessa questão, apenas para mostrar que a forma gráfica difere de um período para outro, quando da utilização de diferentes tecnologias de escrita. Além dos instrumentos, gostaria também de chamar a atenção para a postura do corpo quando do gesto de escrever utilizando determinados instrumentos (Jean 1987, 114). A curvatura do corpo, mas, sobretudo, o gesto da mão. Como sabemos, a escritura manual perdura até os dias de hoje, mesmo depois da imprensa, do nascimento da escritura mecânica, do computador, é ainda o gesto da mão no traçado da assinatura do nome que dá legitimidade a documentos. Apesar disso as correspondências pessoais manuscritas praticamente deixaram de existir com o surgimento do e-mail, e a assinatura digital pouco a pouco vai sendo aceita para atribuir legitimidade ao nome.

Outro aspecto a ser destacado é o da velocidade da escrita, que tem a ver com os instrumentos utilizados. É evidente que era muito mais demorado escrever sobre argila com um estilete (até porque era preciso esperar a argila secar depois de escrever), do que sobre o papel com a pena ou o cálamo (“*main à plume*”). E mesmo a pena, à medida que se aperfeiçoava, dava à escrita mais agilidade e produzia diferentes possibilidades de grafia. A máquina de escrever e a imprensa atribuíram ainda não só maior rapidez à escrita, como rapidez à sua circulação/reprodução.

E hoje? Qual é a materialidade da escrita dos nossos dias? Como, onde e com que, escrevemos, hoje? Quais são nossos instrumentos de escrita? Dentre os que temos, gostaria de direcionar a reflexão daqui em diante para o computador como forma da escrita. Meu intuito, ao abordar a questão do instrumento e do suporte é mostrar que o modo de grafar —a forma material da escrita— tem a ver com o instrumento e este tem a ver com o desenvolvimento tecnológico de uma sociedade —e aqui tomo as condições de produção em seu sentido amplo— com a produção de conhecimento, com as relações histórico-sociais, com a produção de uma temporalidade específica. Com isso, posso afirmar também que a grafia, o instrumento e a tecnologia produzem determinadas significações para a

escrita de uma sociedade, para a escrita de si, se tomadas em sua forma material.

O fato, portanto, de que com a popularização do computador, a partir da década de 90, no Brasil, este foi se tornando, pouco a pouco, um “suporte” de escrita muito utilizado, me leva a refletir sobre as consequências do uso desse instrumento para a própria forma da escrita, naquilo que concerne sua materialidade mesmo, pois, como aprendemos com Orlandi (2001), o meio não é indiferente ao sentido.

É preciso dizer que a popularização do computador está ligada ao surgimento da informática, ou melhor, à separação da cibernética e da informática<sup>3</sup>. O desenvolvimento da informática, por sua vez, está estritamente relacionado à velocidade e isso tem a ver com as circunstâncias históricas dos acontecimentos da guerra: a velocidade dos projéteis, dos aviões, do tempo de reação dos responsáveis e da transmissão das informações de guerra (Breton 1991, 166-167); e também com as circunstâncias históricas do desenvolvimento de uma sociedade de consumo.

O computador e mais tarde o uso da Internet são determinantes no que concerne ao avanço dessa velocidade da vida, das relações, das trocas, da escrita. A velocidade das redes. A velocidade do mundo. Porque não dizer, a velocidade dos sentidos. É uma noção de tempo que muda a forma das relações sociais, a linguagem e a escrita. É em função dessa mudança na temporalidade do mundo que surge, na concepção de Breton (1991), a terceira informática, a das redes e da comunicação.

É nesse espaço de significação e de subjetivação, pela escrita em sua forma material, que busco compreender essa experimentação do sujeito sobre si mesmo no espaço digital, pois certamente ela não se passa da mesma maneira no espaço digital, no impresso, no urbano, embora haja em comum uma narratividade do sujeito por fragmentários de si, nesses distintos espaços de produção de sentidos. Em outras palavras, é a materialidade que constitui essa narratividade que se distingue segundo as

3 Segundo Breton (1991), “os ciberneticistas estavam em busca de máquinas que lhes permitissem simular, por analogia, o comportamento dos animais ou mesmo determinados comportamentos humanos. Em consequência não se concentravam nos computadores, que eram máquinas digitais binárias estritamente programadas” (Breton 1991, 162). “A informática tornava-se desse modo uma técnica de manipulação da informação no ponto em que a cibernética envolvia uma reflexão sobre as finalidades da utilização das técnicas no mundo moderno” (Breton 1991, 163).

condições de produção e, portanto, produz distintos modos de constituição do sujeito pela possibilidade de diferentes trajetos do sentido.

**2. A LINHA DO TEMPO DO FACEBOOK.** A Internet sempre me interessou como espaço de significação em função de um aspecto que considero constitutivo desse espaço de dizer, que é o de que ela permite ao sujeito falar de si, escrever. Mas, no caso da Internet, um falar de si muito específico, um falar de si aberto, publicizado, mas ao mesmo tempo íntimo, como se fosse apenas o sujeito e a tela, uma espécie de *Show de Truman* em forma de diário. Prova disso é que os *blogs* e redes sociais são os maiores sucessos da Internet, hoje, o que, há pouco tempo atrás, ficava a cargo das páginas pessoais e dos chats. Não vou entrar aqui, nesse momento, nas consequências jurídicas desse “trumanismo” ciberespacial, o que interessa nesse momento é compreender discursivamente os efeitos da produção de um real do tempo próprio às relações ciberespaciais e que marca o tempo de uma vida. Mas que tempo é esse que organiza automaticamente os dizeres dispersos do dia-a-dia na chamada “linha do tempo” do Facebook? Uma linha programada do tempo da vida. Que memória do dizer se produz nessa linha do tempo? Como se organiza nela a totalidade de uma vida? Como é contada a história de cada um?

**2.1. SUA LINHA DO TEMPO DO FACEBOOK: CONTE A HISTÓRIA DE SUA VIDA EM UM NOVO TIPO DE PERFIL.** Como sabemos, uma das características da Internet é a não-linearidade. Desse modo, cabe colocar em questão, num primeiro momento, o que é essa não-linearidade e, ao mesmo tempo, o que é a linearidade, considerando a questão da memória.

Para tanto, gostaria de tomar o par linearidade/não-linearidade em sua materialidade constitutiva, a saber, o tempo. Tomo aqui, a noção de materialidade da perspectiva discursiva, tal como a define Orlandi (2012, 72), “como aquilo que permite observar a relação do real com o imaginário, ou seja, a ideologia, que funciona pelo inconsciente”. Assim, ao falar em linearidade/não-linearidade está implicada uma reflexão sobre o tempo, sobre a memória, o real e o imaginário. Portanto, não se trata do tempo cronológico, empírico, que organiza, mas o tempo em sua ordem, em sua forma material, encarnada no mundo, como define Orlandi. Dessa perspectiva, considero a Linha do tempo do Facebook como uma unidade imaginária da vida escrita. A questão aqui é compreender a relação desse imaginário



do tempo construído pela Linha com o seu real, em sua ordem simbólica. Isso desloca a noção de linearidade/não-linearidade de uma concepção empírica, para uma concepção material, formas materiais do tempo, formas linguístico-históricas.

Isso posto, podemos compreender que a não-linearidade não consiste numa qualidade natural da Internet, mas numa mudança na ordem do mundo e do pensamento, nas condições de produção da vida em sociedade. O não-linear diz respeito a um processo de significação do mundo, de constituição do sujeito e de formulação dos sentidos.

Nessa perspectiva, penso que seria mais produtivo olharmos para a noção de não-linearidade como um aspecto do fragmentário na sua contradição constitutiva com a ideia de totalidade. Por essa via, é interessante notarmos como, através dos *softwares*, foi possível encontrar novos caminhos nos textos.

Os pós-estruturalistas se debruçaram sobre a questão da fragmentação. Nas palavras de Robin (2004, p. 15-16), havia

*um ar do tempo, antiautoritário, que anunciava a “morte do autor”, o fim das grandes instituições (repressivas por essência), e previa uma democratização das formas culturais, a promoção de tudo em cada um na ordem da criação como na da interpretação, a interatividade derrubando as hierarquias, as verticalidades das relações sociais e interpessoais, e institucionais. Essas relações hierárquicas seriam substituídas por práticas de redes, sem dominação* (Robin 2004, 15-16)<sup>4</sup>.

Isso obviamente não se passou desse modo, com tal tranquilidade, pois, como sabemos, o real se impõe com sua materialidade, sua ideologia, desorganizando os sentidos. Assim, no campo da literatura, por exemplo, muitos escritores que buscavam novas formas de escritura se deram conta de que era mais difícil do que eles imaginavam tirar a literatura do livro (Robin 2004, 11).

Mas não é esse aspecto, especificamente, que me interessa aprofundar no presente artigo, ao analisar a Linha do tempo do Facebook, mas, sim, o fato de que a ideia de fragmentário, nessa rede social, organizada em torno da linha do tempo, produz o efeito da completude e da totalidade do

4 Tradução livre: “un air du temps, antiautoritaire, qui annonçait la ‘mort de l’auteur’, la fin des grandes institutions (répressives par essence), et prévoyait une démocratisation des formes culturelles, la promotion de tout un chacun dans l’ordre de la création comme dans celui de l’interprétation, l’interactivité mettant à mal les hiérarchies, les verticalités des rapports sociaux et interpersonnels, et institutionnels. Ces rapports hiérarchiques seraient remplacés par des pratiques de réseaux, sans domination”.

sujeito. A Linha do tempo consiste num modo de organização do fragmentário da vida, do sentido em trânsito, linearizando a dispersão do tempo pela máquina, efeito do que Orlandi (1998, 2006) chama “memória metálica”, aquela que acumula.

Prova disso é que a Linha do tempo se estrutura num fio narrativo hierarquizado pela marca do calendário (meses, anos), conforme podemos ver na figura abaixo.



Figura 1: Linha do tempo do Facebook.

Uma vida em sua totalidade (imaginária): nascer, crescer (brincar), estudar (se formar), namorar, casar, ter filhos.

Os “vestígios do vivido, do experimentado” (Orlandi 2004), na montagem da linearização do tempo, produzem outros sentidos, marcando a relação do real e do imaginário. Se, por um lado, o real é a “impossibilidade da totalização” (Robin 2004, 52), por outro lado, o imaginário reúne os fragmentários de uma vida, possibilitando que uma linha seja traçada, possibilitando uma unidade do sujeito. Daí a necessidade de linearização do tempo em contraposição à fragmentação de tempo. Linearização ou montagem, “de tudo aquilo que pode fazer traço dos tempos desajuntados que nós vivemos, de tudo aquilo que permite fazer desconjuntar as temporalidades” (Robin 2004, 53)<sup>5</sup>.

Para Robin (2004, 54), escrever, juntar o tempo desconjuntado pela lembrança da guerra é uma grande felicidade:

5 Tradução livre: “de tout ce qui permet de faire trace des temps désajointés que nous avons vécus, de tout ce qui permet de faire grincer les temporatités”.

*Há, enfim, essas listas, esses menus objetos marcadores do tempo, a agenda, caixa de recordação, tudo aquilo que faz traço da realidade do tempo que passa, da realidade da existência na sua banalidade mesmo. [...] ter a vida de todo mundo —ir à escola, sair de férias, estudar, paquerar, casar, ter filhos, ter uma profissão, ir ao cinema—, tudo isso foi uma conquista. A ascensão ao direito à banalidade foi uma grande felicidade (Robin 2004, 54)<sup>6</sup>.*

Que acontecimentos de uma vida constituem matéria-prima para essa narratividade do sujeito (seu perfil na rede social Facebook)? A “vida instalada”. Vejamos alguns recortes desse fragmentário de si no Facebook (figuras 2, 3 e 4):



Figuras 2, 3 e 4: Acontecimentos de uma vida no Facebook.

Certamente, são esses flagrantes, esses fragmentários do eu, da eferimeridade daquilo que constitui o sujeito e seus sentidos, esse real que nos escapa, mas que temos necessidade de fixar (mesmo que seja pela escritura da banalidade), que constituem a matéria-prima de uma vida, condição da existência dos sujeitos. Matéria-prima da vida escrita.

Mas como o Facebook organiza esses dizeres, esse fragmentário, de modo a construir uma narratividade do sujeito na Linha do tempo?

Aquilo que marca o tempo em sua circularidade, em sua linearidade, porque faz o sujeito retornar sobre si, são os acontecimentos-nós. Cada nó marca a unidade do sujeito. Ponto fixo, de onde ele re-começa: nasceu, formou-se, começou a trabalhar, casou... (figuras 5, 6 e 7):

6 Tradução livre: “Il y a enfin ces listes, ces menus objets marqueurs de temps, l’agenda, la boîte de vie, tout ce qui fait trace de la réalité du temps qui passe, de la réalité de l’existence dans sa banalité même. [...] avoir la vie de tout le monde —aller à l’école, partir en vacances, faire des études, flirter, se marier, avoir des enfants, avoir un métier, aller au cinéma—, tout cela a été une conquête. L’accession au droit à la banalité fut un grand bonheur”.



Figura 5: Acontecimentos organizados no Facebook.



Figura 6: Acontecimentos organizados no Facebook.



Figura 7: Acontecimentos organizados no Facebook.

Esses nós organizam a narratividade no Facebook ao marcar o ponto em que a tensão completude/incompletude se estabiliza na amarração daquilo que escapa (real) e daquilo que se apreende (imaginário), em outros termos, daquilo que se passa entre um acontecimento-nó e outro. O que o sujeito elege como acontecimento-nó é aquele que marca o tempo em que ele constrói uma sua unidade.

**3. MEMÓRIA DO FUTURO.** E qual é o papel da memória na construção da Linha do tempo? A noção de memória tem papel fundamental nessa análise, uma vez que é pelo que o sujeito diz nessa rede social, pelas filiações de sentido que ele estabelece através do que ele curte, compartilha, posta (dizeres, fotos, vídeos, *links*, etc.) que se dá a “manutenção da materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização” (Pêcheux 1999, 52). É essa memória que, no dizer de Pêcheux (1999, 52), “face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem ‘restabelecer os implícitos’ de que sua leitura necessita”.

A questão que se coloca, nesse sentido, é que, se por um lado, a memória discursiva, para a Análise de Discurso, se constitui pelo esquecimento, por todos os dizeres já-ditos (e esquecidos), por outro lado, a memória na Linha do tempo do Facebook se constitui pelo armazenamento, já que é uma memória capaz de registrar/armazenar tudo o que o sujeito disse na rede social, tal como podemos ver na seguinte descrição da Linha do tempo: “Preenchendo os espaços em branco - Se partes importantes de sua história não estão incluídas em sua Linha do Tempo, você pode voltar para quando elas aconteceram e adicioná-las”.

Esse recorte diz de um controle do tempo e de um armazenamento da memória, a “memória metálica”, no dizer de Orlandi (2006, 5), que, pelo “construto técnico”, vai juntando o que foi dito aqui e ali “como se formasse uma rede de filiação e não apenas uma soma”. Não se trata mais da memória como esquecimento, mas da memória como armazenamento<sup>7</sup>. Assim, tomar a memória como espaço (armazenamento) e não como tempo (esquecimento), produz uma mudança importante na concepção de sujeito. Que sujeito é esse que, pela apropriação da máquina, não se deixa

7 Em meus trabalhos, tenho compreendido a memória como armazenamento como uma memória do futuro, uma vez que é uma memória armazenada para o futuro. Não se trata de um acontecimento cuja lembrança produziu uma memória num tempo outro, trata-se de um acontecimento estabilizado num tempo específico, jamais esquecido, por isso, capaz de reprodução.

esquecer? Que história é essa que narrada no dia-a-dia, publicizada, não encontra pontos de fuga no esquecimento?

Assim, essa história do sujeito contada na Linha do tempo do Facebook caracteriza-se pela completude (efeito da memória como espaço): “Preenchendo os espaços em branco”. Ao preencher sempre os espaços em branco, possibilidade esta dada pela forma não-linear da rede social, o sujeito pode retomar o fio que escapou do nó, amarrando-o firme à sua unidade de sentido.

Para finalizar esta breve reflexão, cabe dizer que, para Orlandi (2006), “qualquer forma de memória tem uma relação necessária com a interpretação e a ideologia”. Assim, ao considerar o jogo de forças da memória que quer desmanchar a rede de implícitos, aquilo que o sujeito lança aleatoriamente como dizer de si, e a memória que quer estabilizar, tanto o sujeito quanto o sentido, numa linearização do tempo, estou considerando a materialidade da escrita no espaço digital (numérico) como o traço movente que a Linha do tempo estabiliza numa poética do cotidiano da rede.

#### BIBLIOGRAFIA

- Agamben, Giorgio. 2009. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Traduzido por Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos.
- Breton, Philippe. 1991. *História da informática*. São Paulo: Editora Unesp.
- Jean, Georges. 1987. *L'écriture, mémoire des hommes*. Paris: Gallimard.
- Orlandi, Eni P. 1988. “A incompletude do sujeito: e quando o outro somos nós?” Em *Sujeito e texto*, organizado por Eni Orlandi. São Paulo: EDUC.
- . 1998. *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2ª ed. Vozes: Petrópolis.
- . 2001. *Discurso e texto*. Campinas: Pontes.
- . 2004. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes.
- . 2006. “Análise de Discurso: Conversa com Eni Orlandi”. *Teias*: 7.13-14 (Rio de Janeiro).
- . 2010. “Formas de individuação do sujeito: feminino e sociedade contemporânea: o caso da delinquência”. Em *Discurso e políticas públicas urbanas: A fabricação do consenso*, organizado por Eni Orlandi, 11-42. Campinas: RG Editora.
- . 2012. *Discurso em análise: Sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes.
- Pêcheux, Michel. 1999. *Papel da memória*. Traduzido por José Horta Nunes. Campinas: Pontes.
- Robin, Régine. 2004. *Cybermigrances: Traversées fugitives*. Québec: VLB Éditeur.

**Cristiane Dias**

LABEURB-UNICAMP

[crisdias@unicamp.br](mailto:crisdias@unicamp.br)

Trabajo recibido el 9 de septiembre de 2013 y aprobado 5 de noviembre de 2013.